

destinos invisíveis

M A R C E L O L E M E S

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Marcelo Lemes

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L552d Lemes, Marcelo. 1984–
Destinos invisíveis / Marcelo Lemes – Penalux: Guaratinguetá, 2019.
248 p.: 21 cm.
ISBN: 978-85-5833-502-7
1. Romance I. Título

CDD B869.93

Índice sistemático:
1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



capítulo 1

KATARINA

QUANDO KATARINA NASCEU, o relógio de números romanos que reluzia na torre da catedral onde nove meses antes ela foi concebida parou. Um perfume prateado atravessou os ares. O destino, malicioso, sorriu feliz, pois não ganhava de presente uma vida tão interessante fazia tempo. A mãe afirmou que, na noite anterior, sonhou com um beijo entre um anjo translúcido e um ser de aparência desconhecida, o qual ela jurou ser alguma entidade maligna, gerada no lodo de mundos subterâneos. Destacou também que, depois do sonho, acertou ao prever que a filha primogênita nasceria no dia seguinte às três da tarde. O pai, ao pegá-la no colo recém-nascida, respirou com serenidade incomum, como se pertencesse a uma realidade nobre. Lágrimas percorreram as curvas daquele rosto de homem mastigado pelos desastres do cotidiano.

— Que Deus ilumine sua vida, minha filha — desejou ele, com todas as fibras do coração.

E Deus, peculiar ao extremo, haveria iluminá-la sim, porém com as chamas geladas de uma maldade dissimulada, dona exclusiva do talento de reinventar personalidades e



fatos conforme a urgência da ocasião. Depois disso, faria dela uma pessoa leve e solta pelo mundo, para realizar os caprichos da própria intuição e ir até os limites permitidos pelo livre-arbítrio.

Desde a infância, Katarina demonstrou uma habilidade memorável na arte de brilhar nas trevas e atravessar sofrimentos sem conhecer qualquer tipo de dor. Era como se forças invisíveis tomassem conta dela, e nada fosse capaz de vencê-la, trapaceá-la ou destruí-la. Aos sete anos, surpreendida pelo próprio instinto, tirou a vida de um inocente Beagle. Escandaloso, ele latia sem parar, enquanto ela tentava se concentrar num jogo de damas. Com educação e sutileza, ela pediu para a adversária e amiga dar um tempo. Foi até o portão da casa vizinha e fingiu querer agradar o pequeno ladrador. Carente e ingênuo, ele se aproximou, olhos brilhantes, querendo carinho. E através de um golpe silencioso e fatal ela fez dele um animal falecido. Depois, sem nenhum remorso, voltou ao jogo e perguntou de quem era a vez, como se nada tivesse acontecido.

Em outra ocasião, no auge da pré-adolescência, as amigas fizeram uma conspiração na escola, para planejar vingança contra um garoto que, usando palavras venenosas e gestos obscenos, havia magoado uma delas. Katarina, ao detectar ingenuidade nas ideias das meninas, assumiu o controle da situação e agiu.

Deslizando pelos corredores do colégio, encontrou o malfeitor em roda de amigos. Parou perto dele. Ficou ali até ser notada. Logo deu vida àquele sorriso irresistível que, em tantas

oportunidades futuras, utilizaria para atingir objetivos, sem se preocupar com o teor de possíveis consequências. O sorriso brilhava na companhia de belíssimos olhos verdes, vibrantes, sedutores, cuja magia da expressão deixava transparecer a presença de um convite irrecusável.

Ingênuo, o garoto mordeu a isca. Abandonou os amigos e foi atrás dela. Dona de si, ela se distanciava em meio ao alvoroço de alunos. Desfilava pelos corredores com elegância infiel, capaz de colorir a imaginação de quem a contemplasse. Ele queria alcançá-la, puxá-la pelo braço e desvendar as intenções daquele sorriso peculiar. Mas uma insegurança desconhecida o desacelerava.

Nos fundos do colégio, havia um pequeno portão de ferro aniquilado pelo tempo, que se comunicava com um quintal decrepito, no qual um casarão revestido pelo abandono se escondia por trás de árvores carrancudas e objetos de ninguém. Katarina abriu o portão, atravessou o quintal com destreza de quem já o conhecia e, sem escrúpulos, penetrou o limiar da mansão esquecida. Quando esteve ali pela primeira vez, ela obrigou uma menina mais velha a raspar o próprio cabelo e ferir o pulso em vários ângulos com uma navalha, para dissimular um ato inexplicável de histeria, assim ninguém desconfiaria da verdade por trás do ocorrido. O motivo era tão insignificante que Katarina jogou no lixo da memória no dia seguinte.

O garoto pensou em abortar a perseguição. Mas estava seduzido demais e nenhum pensamento contraditório teria o poder de afugentá-lo. Empurrou a porta entreaberta. O

perfume dela vagava na atmosfera. Movia com lentidão duvidosa, de quem não tem certeza se quer mesmo fazer o que está fazendo. Ao entrar, calafrios lhe percorreram o corpo. Ele então paralisou, como se estivesse preso a uma corrente invisível, cuja frieza do aço lhe proporcionava uma satisfação amarga. Encostou-se na parede. Os olhos analisaram o recinto. Móveis destruídos, enfeites quebrados, peças de roupa inutilizadas e nenhum vestígio da garota.

De repente, um ruído. Talvez um móvel sendo arrastado no andar de cima. Ele subiu as escadas. A cada degrau, um presentimento diferente tentava impedi-lo. Logo um corredor de coloração mofada e forrado de teias de aranha lhe ofereceu três portas. Sem pensar, ele escolheu a do meio. Ao abri-la, uma excitação anônima o incorporou. A menina de sorriso intrigante estava sentada, de pernas cruzadas, em poltrona curiosamente luminosa, no meio de uma mobília mórbida que parecia velar fantasmas.

— Achei que você fosse covarde e não tivesse coragem de vir até aqui — comentou ela, irônica e charmosa. A doçura da voz ocultava resquícios de maleabilidade.

— O que você quer de mim? — perguntou ele, procurando manter postura de vilão implacável.

— Quero você — respondeu ela, deixando o interlocutor atônito. Em seguida, levantou-se, exalando sensualidade, deu dois passos à esquerda e pediu, através de uma tonalidade imperativa, apontando a poltrona: — Senta.

Ele obedeceu. Após ter mordido a isca, só faltava degustar o veneno e experimentar o efeito. Perder a virgindade com

Katarina, a menina mais linda do colégio, seria um milagre. Todos os garotos da cidade passariam a respeitá-lo e a admirá-lo. Já deslumbrava o momento de contar para todo o mundo a conquista épica e se tornar um herói.

O olhar dela verificava cada detalhe do projeto de vilão. Fingia apreciá-lo. Tal apreciação era apenas uma máscara de encanto, para esconder o desprezo gigante. “Porco miserável”, pensava. Com a boca quase encostada na dele, fez a pergunta:

— Você me quer?

Quando, em resposta à pergunta, ele se afobou e tentou agarrá-la, impulsionado pela natureza de macho predador, ela se impôs, com verniz de menina difícil, afastando-se. Em seguida, levantou a mão esquerda em sinal de ordem.

— Primeiro, vai ter que me obedecer — argumentou.

— Farei qualquer coisa — concordou ele, sedento, nublado pela cegueira inevitável do tesão.

Katarina sorriu. Estava muito próxima do objetivo e concluiu dizendo que ele seria muito bem recompensado, se cumprisse a promessa. Improvisou um lenço e vendou a perspectiva da presa. Acariciou os ouvidos dele com palavras luxuriosas, picantes e sujas. Um doce beijo no canto dos lábios. Ele ficou tão excitado que, quando ela revelou que ia amarrá-lo, a voz de moleque aprendiz de rebelde expressou ansiedade.

— Então me amarre depressa e faça o que quiser de mim — disse.

Se ele por acaso desconfiasse das intenções dela, jamais teria dito isso.

Katarina tirou da bolsa diversos acessórios para imobilizá-lo. Lacs, fita adesiva, pedaços de corda, e também algemas para que ele acreditasse na possibilidade de uma fantasia sexual. Isso o levaria aos céus. Em instantes, ele estava completamente imobilizado. Ela o acariciou com a ponta dos dedos e o deixou mais inebriado do que ele já estava, ao batizá-lo com um hálito precoce de mulher irresistível. Disse outras artimanhas eróticas para sedá-lo. Depois as palavras entraram pelos caminhos da ironia. Isso o deixou confuso. Mas tudo ficou muito nítido quando a sedutora o emudeceu com um golpe de fita adesiva e, com veemência, cuspiu na cara dele os motivos do convite e, principalmente, o projeto da vingança iminente.

— Idiota. Achou mesmo que eu estava a fim do maior mentiroso do colégio, que ia transar com você ou coisa do tipo? — perguntou ela, no silêncio da resposta — Imbecil. Jamais eu perderia tempo com um porco igual a você. Ainda não conhece o gosto da vingança. Mas vai conhecer.

A sombra da aflição tomou conta do corpo dele. Tentou mexer como pôde na poltrona. Agitava-se e não saía do lugar. Gemidos abafados. Não fazia ideia de que vingança ela falava. Tentou expressar verbos, força física, olhares de maldade. Tudo em vão. Katarina apenas observava, com o olhar cristalizado pelo encanto. Apreciava o desespero dele como se presenciasse o desabrochar de uma flor. Depois pegou uma seringa. A agulha brilhou no ambiente opaco. Estampou no rosto o sorriso mais doce e injetou na garganta do inimigo todo o líquido azul da seringa. O garoto então atravessou um sofrimento mudo, escuro e indescritível. Foi consumido por

alguma substância venenosa que o deixou desligado durante horas, para depois acordá-lo com um impacto de ressurreição. Em transe, olhos abertos e vivos, saboreou agonias, visualizou imagens degradantes e cenas horríveis que nem mesmo o cinema mais abastecido de criatividade e dólares seria capaz de compor. A palavra sofrimento adquiriu uma amplitude impossível de se calcular.



Dois dias depois o garoto foi encontrado pela polícia. Nenhuma palavra para explicar a ocorrência. Os olhos refletiam uma ressaca de histerias, cujos motivos ele levaria com todos os cadeados para o túmulo. Sua mudez amedrontava quem estivesse por perto. Uma semana depois ele voltou a falar. Pediu à mãe um suco de laranja, disse que estava com vontade de comer salada de repolho e jurou por Deus não se lembrar de nada, não fazer ideia do que e de como tudo havia acontecido. Afirmou apenas que desmaiou no banheiro da escola e, quando despertou, já estava imobilizado e sofrendo torturas espirituais, como se tivesse conhecido a morte sete vezes e passado uma temporada de inverno no purgatório.

Somente esse garoto saberia explicar as razões que o convenceram a ficar calado, a manter em sigilo absoluto a identidade de Katarina e não revelar a ninguém o que ela fez com ele. Além disso, qualquer personagem que, por sorte ou azar, tropeçar no sorriso dela nos labirintos desta história também entenderá mais do que ninguém cada partícula desse silêncio.



✉ m9lemes@yahoo.com.br

📘 marcelo.lemes.963



Este livro foi composto em Sabon Next LT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em março de 2019.

